

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

LUGAR DE FALA E ÉTICA DE SI: POLÍTICA E DISCURSOS EM REDE

PLACE OF SPEECH AND ETHICS OF CARE FOR THE SELF: POLITICS AND NETWORK OF DISCOURSES

Pedro Henrique Varoni de Carvalho¹

RESUMO: O artigo problematiza os novos modos de circulação dos enunciados nas redes interconectadas, tomando por referência o dispositivo teórico-metodológico da análise do discurso de orientação francesa. Diante de uma circulação ubíqua, em que as materialidades são transformadas a partir de diferentes apropriações pelos sujeitos interconectados, procuramos estabelecer relações entre a micro e a macro política tomando por referência derivas de sentido do enunciado “lugar de fala”. A análise de alguns exemplos de disputas de poder entre uma ordem digital participativa e as mídias de massa demonstram que a ênfase de conquistas num nível comportamental não corresponde a um avanço político progressista no Brasil contemporâneo. Nas redes, a tirania da intimidade reduz o lugar de fala ao seu aspecto mais superficial.

PALAVRAS CHAVE: análise do discurso; redes interconectadas; lugar de fala.

ABSTRACT: The article discusses the new modes of circulation of discourse in interconnected networks, taking as reference the theoretical-methodological device of French-oriented discourse analysis. Faced with a ubiquitous circulation, in which materialities are transformed from different appropriations by the interconnected subjects, we seek to establish relations between the micro and the macro politics by referring to the derivations of the meaning of the statement "place of speech". The analysis of some examples of power between a participatory digital order and mass media demonstrates that the emphasis on achievements on a behavioral level does not correspond to a political advance in contemporary Brazil. In networks, the tyranny of intimacy reduces the place of speech to its most superficial aspect.

KEYWORDS: discourse analysis; interconnected networks; speech space.

As redes interconectadas constituem uma das principais experiências comunicativas do mundo contemporâneo e sinalizam as relações de saber e poder na sociedade bem como diferentes modos de produção de subjetividade. Numa ordem de excesso de dados e informações a que somos submetidos diariamente, a circulação se torna ubíqua. Frases, imagens, fotografias permeiam o cotidiano em fluxos descontínuos. O desafio de pensar esse modo de funcionamento das redes à luz do referencial teórico-metodológico da análise do discurso de orientação francesa se impõe tanto como necessidade de atualização da teoria diante das intensas transformações nos processos comunicativos no século XXI quanto de contribuição desse campo teórico para a busca de elucidação de um real histórico que desafia distintos ramos do

¹ Pesquisador do Labor- Laboratório de Estudos do Discurso e do Geminis- Grupos de Estudos em Mídias interativas e digitais, ambos da Universidade Federal de São Carlos. Jornalista e Doutor em Linguística pelo PPGL/UFSCar. Desenvolve pesquisa em pós-doutorado em redes digitais no Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP). E-mail: pedro.varoni@hotmail.com

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

pensamento: da filosofia à sociologia, passando pela teoria da comunicação e as ciências de base tecnológica.

Pretendemos, neste artigo, refletir sobre dois aspectos complementares referentes as relações entre os discursos e as redes interconectadas. O primeiro é uma tentativa de entender a especificidade do discursivo nesse ambiente de natureza volátil e relacional. Os diferentes sujeitos interpretam os conteúdos que circulam seja na forma dos compartilhamentos ou dos comentários, num processo contínuo de derivações e mutações do sentido de uma dada formulação. O segundo aspecto é a busca por entender as relações entre os modos de funcionamento das redes e o mecanismo que articula a micro política aos aspectos macro tomando por referência o atual contexto político brasileiro.

O funcionamento das redes sociais promove uma relativa indistinção entre a produção e a recepção, na medida em que os conteúdos são ressignificados, postos a circular por uma infinidade de derivas. Os espaços simbólicos entre a constituição, a formulação e a circulação se reduzem, na medida em que tudo circula todo o tempo ultrapassando a antiga distinção entre o virtual e o real. Lúcia Santaella (2016) chama atenção para o fato de que muitos comportamentos adquiridos na rede são transferidos para o mundo presencial, como o direito à participação, o desenvolvimento da capacidade crítica que brota da colaboração, a prontidão para agir, dentre outros aspectos. Trata-se de uma nova configuração de cultura democrática. O que está no centro da questão é a forma como culturas e subjetividades se conectam passando de uma prática interativa para participativa.

As conexões em rede estão longe de ser um fenômeno contemporâneo. Bruno Latour (2013) demonstra como a informação resolve de forma prática o problema da presença ou ausência em um lugar, tornando comensurável inscrições até então estranhas uma as outras. Quando os animais dos trópicos, por exemplo, são empalhados e levados para os colonizadores tem-se, através da informação, uma representação de um outro território. Compreendemos melhor hoje, esse fenômeno pela presença dos equipamentos computacionais que permitem combinar e integrar, desenhos, textos, fotografias e gráficos até então separados no espaço-tempo. Para o sociólogo e antropólogo francês, a informação é uma relação estabelecida entre diferentes lugares. “Convém lembrar que os textos agem sobre o mundo, e circulam em redes práticas e instituições que nos ligam a situações.” (LATOURE, 2013, p. 45).

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

A ideia de que os textos agem sobre o mundo como o mundo sobre os textos constitui uma espécie de síntese da virada linguística francesa de final dos anos 1960 que deu origem à análise do discurso. A própria noção de enunciado em Foucault (2004) como um acontecimento na ordem do saber, uma função produzida por um sujeito do discurso a partir de uma determinada posição que determina o que pode e dever ser dito parece adequada para se pensar essa natureza relacional entre a linguagem e o processo histórico. Na continuidade de suas reflexões, Foucault (1985) propõe a noção de dispositivo como um conjunto heterogêneo, formado por discursos, instituições, estruturas, organizações arquitetônicas, leis, enunciados, proposições filosóficas, o dito e o não dito e a rede entre esses elementos. A noção de dispositivo na formulação foucaultiana parece antever o modo de funcionamento das redes com suas relações entre o ambiente virtual e presencial, bem como o imperativo para estarmos o tempo todo conectados. Assim, tomando a ordem do digital como um dispositivo contemporâneo, a transformação mais evidente está nas formas de produzir e fazer circular enunciados.

Olhar para as condições de produção na ordem do digital é, portanto, estabelecer uma comparação entre as mídias de massa tradicionais e as emergentes participativas que se proliferam no século XXI. O estudioso de mídia norte-americano, Henry Jenkins (2014) problematiza em sua obra, uma nova relação de forças entre as antigas e novas mídias. Essa mudança impacta a um só tempo as formas de organização social, as relações políticas e os modos como os indivíduos se subjetivam. A principal modificação pode ser sintetizada pela liberação do polo da recepção. Cada um de nós, de posse dos dispositivos móveis pode produzir e distribuir conteúdo midiático. Esse contexto levou Henry Jenkins (2014) a propor o conceito de cultura participativa sinalizando uma nova relação de poder entre as mídias tradicionais e as redes sociais. O cidadão comum passa a criar e se manifestar sobre os conteúdos que recebe, interferindo nas dinâmicas da produção e da circulação, instaurando uma horizontalidade diversa do modelo verticalizado da mídia de massa. No limite é como se cada sujeito se tornasse a mídia de si mesmo. As interações são mediadas por máquinas e a forma de expressão multimidiática ao alcance das mãos dos cidadãos conectados faz com que os enunciados em rede sejam fragmentos das micro histórias que definem as identidades como construções narrativas. Quando queremos saber quem é uma pessoa recorreremos ao seu “perfil”, olhamos suas fotos, suas postagens; elementos que

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

promovem um jogo entre a imagem de si desses sujeitos e as formas como o outro as interpreta, uma vez que entre as interações físicas e as narrativas nas redes há tanto novas materialidades quanto imaginários.

O uso cada vez mais frequente das tecnologias de inteligência artificial torna o funcionamento das redes mais complexas, infladas por robôs à serviço de distintas ideologias políticas, instaurando novas formas de manipulação e controle e também de interação entre indivíduos e máquinas. Nas redes somos, ao mesmo tempo, produtos e produtores das grandes corporações transnacionais que controlam com requintes tecnológicos nossas vidas. Da comercialização dos dados pessoais, aos filtros dos algoritmos que criam bolhas de teor monológico restritivos, os aspectos obscuros predominam e apontam para uma apropriação pelo capitalismo do potencial participativo das redes como resistência.

As novas formas de produção e circulação de informações na sociedade midiaticizada fizeram emergir o sujeito digital (Dias, 2013) como aquele que tem de se submeter aos dispositivos tecnológicos. Somos interpelados pela tecnologia e também por esse modo de funcionamento das redes sociais que nos convidam incessantemente a documentar com fotos, áudios e textos verbais todos as nossas atividades eliminando a antiga distinção entre público e privado. Nesse sentido, a problematização empreendida por Michel Pêcheux (1988) em relação às formas de assujeitamento encontram sua atualidade.

A discursividade do eletrônico (. . .) é um processo histórico e ideológico de significação da nossa sociedade contemporânea, do modo como estamos nela, como praticamos os espaços, do modo como somos interpelados em sujeito pela ideologia, através das determinações históricas (DIAS, 2011, p.58)

O reconhecimento desses mecanismos de refinamento do controle não impede, entretanto, que se vislumbre no movimento da história algumas ações de resistência, como foram, por exemplo, as manifestações de rua em 2013 no Brasil, agenciadas à margem da grande mídia. As jornadas de junho foram organizadas pelas conexões em rede e surpreenderam o jornalismo *mainstream*, assim como as pessoas que se informam a partir dele. Mas o que se viu, em seguida, foi a retomada da pauta pela mídia tradicional. O significante “livre” do movimento por mobilidade urbana – com toda a sua carga semântica de mobilidade social – foi deslocado para o MBL-Movimento Brasil “livre”, de teor reacionário baseado na pauta do combate à corrupção.

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Essas forças que implicam numa retomada da narrativa por parte da grande mídia sustentaram o golpe político-jurídico- midiático de afastamento da presidenta Dilma Rousseff e a prisão do principal líder de esquerda do país. Se as jornadas de junho nasceram sob a dinâmica das novas formas de circulação propiciadas pelas redes, o movimento seguinte demonstrou que as mesmas estratégias poderiam servir aos setores politicamente conservadores, inclusive com capacidade econômica e política de ampliá-las.

Num país que historicamente possui uma concentração das mídias jornalísticas nas mãos de uma pequena elite, as novas dinâmicas em rede acentuam alguns avanços, mas sem que sejamos capazes de adotar um tom por demais otimista. O próprio desenrolar dos acontecimentos entre junho de 2013 e a atualidade demonstra que a despeito dos protestos em rede, as mudanças macropolíticas reduziram o campo de atuação da esquerda. Não parece possível, portanto, visões extremadas em relação ao funcionamento das redes sociais, seja no sentido de toma-las como manifestação de uma nova relação de forças de teor mais horizontal, seja no sentido de reduzi-la ao controle total por um agente invisível. Ambos os aspectos têm sua parcela de verdade e esse jogo de saber e poder define as novas formas de organização da sociedade.

Jean Jacques Courtine (2016) considera urgente a tarefa de colocar a herança teórica da disciplina à prova das transformações na produção e circulação dos enunciados. Os discursos, nesse universo global e líquido, são objeto ao mesmo tempo de concentração e dispersão, tornando praticamente impossível delimitar seus contornos físicos, profundidade temporal ou extensão espacial. Nesse contexto de fluxos discursivos, Courtine interroga sobre o lugar destinado à ideia de formação discursiva tal como formulada por Foucault no seu método arqueológico. A resposta aponta para o lugar destinado à história na teoria, aspecto que se faz presente, inclusive, na forma como Michel Pêcheux também fez trabalhar a noção de formação discursiva, a despeito dos desacordos teóricos existentes entre o marxismo althusseriano e a perspectiva foucaultiana. Courtine propõe algumas perguntas sobre as quais não se tem respostas, mas que, de alguma forma, precisam ser feitas se quisermos seguir no caminho incerto das discursividades contemporâneas. “O que passaram a ser as formações discursivas em tempos de web, de globalização, de neoliberalismo generalizado?” (COURTINE, 2016, p.18).

No funcionamento das redes, a mesma materialidade linguística ganha distintas – e por vezes opostas- interpretações num jogo de saberes e poderes que refletem as relações entre a micro e a macro política no Brasil contemporâneo. Essa espécie de disputa pelos enunciados se faz pelo processo constante de ressignificação das materialidades linguísticas e não linguísticas circulando de forma ubíqua a partir da apropriação por diferentes sujeitos que estabelecem nós na rede: formando comunidades de sentido capazes de provocar mudanças tanto num nível micropolítico quanto macropolítico. O modo de pensar a formação discursiva se desloca assim de uma constituição originária por um sujeito para a circulação e a recepção, que se tornam também, graças aos dispositivos digitais, lugar de (re) formulação. A própria emergência de um enunciado como pós-verdade no vocabulário globalizado é ilustrativa desse modo: compartilhamos conteúdos mesmo com evidências de falsidade factual desde que amparados por nossas crenças e ideologias. Essa mudança de perspectiva do eixo da formulação para o da circulação parece ser uma mutação significativa a impactar o dispositivo teórico-metodológico da análise do discurso.

Assim, parece-nos possível propor um deslocamento metodológico no sentido de acompanhar as transformações de um dado enunciado na sua circulação, mais do que analisa-lo a partir da constituição por um sujeito numa dada condição de produção como era a prática mais comum, tendo consciência, porém, de que os caminhos são infinitos e se bifurcam em labirintos borgeanos. Os limites temporais ou espaciais desse monitoramento dependem, em última instância, da pergunta de pesquisa que guia a busca.

O lugar de fala e de interpretação dos discursos em rede

A partir da constatação de que as redes são espaços de transformação dos enunciados e que a tarefa da análise é, de alguma forma, apreender o movimento desse jogo mutante, tomemos como exemplo as diferentes interpretações e apropriações que se dão com o enunciado “lugar de fala”, no atual momento político brasileiro. A partir da análise desses exemplos pretendemos demonstrar diferentes discursos sobre a questão do racismo na sociedade brasileira. O recorte das transformações analisadas se dá considerando dois jogos de poder complementares: o primeiro se refere a relação entre as mídias de massa tradicionais e as novas mídias interativas e participativas e o

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

segundo as relações entre a ideia de lugar de fala e a veridicção ética estudada por Foucault (2011) a partir da prática socrática. Nosso modo de abordar a expressão lugar de fala não é apenas na regularidade de sua materialidade linguística, mas na forma mesmo que aparece como interdiscurso de diferentes formulações que definem lutas micropolíticas.

O sentido da expressão “lugar de fala” aparece, assim, tanto como elemento legitimador de quem está “autorizado” a se manifestar sobre determinado assunto quanto como interdição daqueles que não podem falar porque não possuem a vivência acerca do tema em questão. Não pretendemos neste artigo um aprofundamento sobre o conceito de lugar de fala a partir das suas matrizes teóricas, mas, antes, perceber como se dão as apropriações (PECHEUX, 1998) do enunciado por distintos sujeitos resultando em diferentes produções de sentido. Para Pêcheux (1988), apropriar-se significa inscrever em um quadro teórico um conceito que foi formulado em outro domínio de saber, num processo de ressignificação e reconfiguração. Embora a reflexão de Pêcheux tenha sido produzida em outro contexto histórico - o da incorporação da heterogeneidade como constitutiva das formações discursivas em contraposição ao momento de formulação da teoria nos anos 1960 baseada no primado da homogeneidade - ela nos parece adequada para descrever uma das principais formas de funcionamento das interações nas redes interconectadas permeando as relações de poder envolvendo as novas mídias digitais e as mídias de massa predominantes no século XX e ainda presentes na vida contemporânea. O que as conexões em rede sugerem são diferentes apropriações das materialidades que circulam.

O filósofo Pablo Ortellado (2017) observa que a expressão “lugar de fala” nasce da crítica de representação e da epistemologia dos subordinados, ou seja, da ideia de que os atores sociais devem falar por si mesmos e de que há diferentes efeitos de verdade a depender de quem fala.

A constatação desses diferentes efeitos de verdade que variam segundo o lugar de fala faz com que um discurso crítico sobre a condição subalterna da mulher, quando enunciado por um homem, entre numa espécie de contradição performativa – como se ele negasse, na prática, o seu conteúdo (ORTELADO, 2017)

A ideia de lugar de fala é difundida num ambiente globalizado a partir de reflexões vindas do movimento negro feminista norte-americano e está associada à memória das políticas identitárias dos anos 1960 - revolução sexual, movimento negro,

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

feminismo, contracultura. O próprio ambiente que viu surgir a análise do discurso na França é, de certa forma, influenciado pelos acontecimentos dos anos 1960. Havia, como se sabe, uma certa ilusão pedagógica no primeiro movimento da análise do discurso dando lugar a uma revisão conceitual empreendida por Michel Pêcheux (1981), concluindo que não se pode falar no lugar do outro, ao romper com a ideia de que seria possível ensinar o proletariado a ler os signos de sua dominação. Algo semelhante ocorreu no campo da esquerda cultural brasileira no final dos anos 1960, quando o CPC - Centro Popular de Cultura - da União Nacional dos Estudantes propunha também uma arte pedagógica que falasse a linguagem do povo, conforme procuramos demonstrar em trabalho anterior (CARVALHO, 2015).

Entre a constatação de que os efeitos de verdade variam a depender da posição do enunciador e a de que, por exemplo, só as mulheres podem falar de sua condição subalterna há uma diferença que tem alimentado muito do debate digital e das intolerâncias em torno da ideia de lugar de fala. A filósofa Djamila Ribeiro, umas das principais divulgadoras do pensamento em torno de “lugar de fala” no Brasil, esclarece, em entrevista a esse respeito, a necessidade da diferenciação entre um impedimento a falar no lugar do outro e a legitimidade de dar voz a setores historicamente excluídos do processo, tais como as mulheres negras e os homossexuais, por exemplo.

O conceito está sendo muito deturpado, sobretudo nas redes sociais em que as pessoas acham que lugar de fala é “cala a boca que aqui não é seu lugar de fala. É um conceito criado por feministas negras, sobretudo pela Patrícia Hill Collins, que, num primeiro momento, significa o quê? Quebrar com a voz única. Porque o branco se põe como universal, mas branco também precisa se marcar e entender que ele fala a partir de um lugar. Quem pode falar aqui no Brasil é o homem branco rico, hétero, que tem dinheiro, e a gente quer quebrar esse monopólio de lugar de fala. O segundo ponto é entender que o branco pode e deve falar de racismo, mas ele vai falar a partir de outro lugar, não a partir do lugar que eu tenho. Eu falo no meu e a gente cria uma multiplicidade e juntos a gente vai pensar uma sociedade diferente. (Ribeiro, 2017)

Não é difícil encontrarmos nas redes sociais a comprovação da deturpação tal como descrita por Djamila. Um desses textos apócrifos intitulado “Guia para saber o seu lugar de fala” a mensagem é direta: “Você sofre racismo, gordofobia, preconceito de classe, homofobia ou transfobia? Não? Então você não deve (e não pode!) falar sobre

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

esses assuntos como se tivesse total entendimento, como se compreendesse o que é passar por essas opressões.²”

Assim, é o elemento da vivência que se impõe tanto como legitimidade do discurso quanto como intolerância com a alteridade. Alguns acontecimentos relacionados à diferentes ideias sobre lugar de fala e que sinalizam um novo jogo de forças entre as mídias tradicionais e as novas podem demonstrar a dinâmica de disputa pelos sentidos dos enunciados em rede.

Cultura participativa, mídia de massa e diferentes lugares de fala

A atriz Mariana Rui Barbosa estrelou, em 2017, uma peça publicitária de um novo modelo de papel higiênico de cor negra lançado no país. A peça mostrava a foto da atriz seminua envolta num rolo do referido papel. O enunciado que construía o sentido do anúncio era em língua inglesa- “Black is beautiful”, expressão criada por ativistas negros norte-americanos nos anos 1970 como resistência ao racismo. A reação nas redes foi imediata e incisiva. Os ativistas digitais acusaram a apropriação de um enunciado político para fins publicitários, sobretudo articulado a figura da jovem atriz. O episódio provocou um recuo dos publicitários e da atriz, conforme divulgado pelo site de notícias do G1.

A Atriz Marina Ruy Barbosa, garota-propaganda do papel higiênico preto da Personal, pediu desculpas aos internautas que se sentiram ofendidos e consideraram a campanha de lançamento do produto racista. Na véspera, após críticas na internet, a marca também se desculpou e anunciou que deixará de usar o slogan "BlackIsBeautiful", expressão criada por ativistas negros americanos” (G1,2017)³.

O segundo exemplo envolveu um jornalista famoso, Willian Waac, e a mais poderosa rede de mídia do país, o grupo Globo. Um vídeo divulgado na internet mostrou os bastidores de uma entrada ao vivo na Casa Branca, nos Estados Unidos, em que o jornalista faz piadas racistas ao ouvir o som de buzinas que poderiam atrapalhar a entrevista que fazia. “É coisa de preto”, disse o âncora do jornal da Globo. As reações

² Disponível em

https://www.google.com.br/search?q=Guia+para+saber+o+seu+lugar+de+fala&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi-jdOxx-7aAhUQmJAKHQgdByQQ_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgsrc=IHGnCC1LQdvq6M: acessado em 06 de maio de 2018.

³ Disponível em <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/apos-polemica-marina-ruy-barbosa-tambem-se-desculpa-por-campanha-de-papel-higienico-preto.ghtml>, acessado em 11 de maio de 2018.

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

em rede foram igualmente fortes a ponto do jornalista perder o emprego. Em nota a empresa justificou sua decisão.

A Globo é visceralmente contra o racismo em todas as suas formas e manifestações. Diante disso, a Globo está afastando o apresentador William Waack de suas funções em decorrência do vídeo que passou hoje a circular na internet, até que a situação esteja esclarecida. Nele, minutos antes de ir ao ar num vivo durante a cobertura das eleições americanas do ano passado, alguém na rua dispara a buzina e, Waack, contrariado, faz comentários, ao que tudo indica, de cunho racista. Waack afirma não se lembrar do que disse, já que o áudio não tem clareza, mas pede sinceras desculpas àqueles que se sentiram ultrajados pela situação (G1,2017)⁴.

O que se seguiu foram reações ressignificando – na rede social twitter – o enunciado proferido pelo jornalista “é coisa de preto”. Houve uma inversão simbólica do sentido original da frase, agora associada à personalidades de origem negra que se destacaram em suas áreas de atuação, tais como o líder sul-africano Nelson Mandela, o compositor Cartola, o geógrafo Milton Santos, dentre outros.

Temos nesses dois exemplos embates com base na cultura participativa (JENKINS, 2014) que resultaram em recuos da grande mídia, seja no anúncio publicitário, seja no afastamento do jornalista. Os dois movimentos também têm em comum o fato de envolverem questões raciais ligadas às representações em torno do lugar do negro na sociedade brasileira. Exemplificam momentos em que a disputa pelos sentidos dos enunciados revelou um jogo de forças capaz de transformar as narrativas oficiais. Os ativistas digitais que buscaram reconstituir ao enunciado “black is beautiful” sua dimensão política estão, de alguma forma, na mesma formação discursiva daqueles que reverteram a dimensão semântica racista da expressão “é coisa de preto” do negativo para o positivo. O duplo recuo da grande mídia - representada pelas agências de publicidade e pela direção de jornalismo da mais poderosa rede de comunicação do país - sinaliza uma atualização do discurso da grande mídia às práticas participativas digitais.

No caso do jornalista Willian Waack, é importante lembrar a forma como o vídeo veio a público, a partir da gravação de um subalterno nos estúdios da emissora. Um exemplo ilustrativo do refinamento do controle na sociedade midiaticizada que se difere das antigas hierarquias do panóptico na sociedade disciplinar.

⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/william-waack-e-suspenso-do-jornal-da-globo.ghtml>, acessado em 11 de maio de 2018.

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

O panóptico digital surge agora totalmente desprovido de qualquer ótica perspectivística, e isso é que constitui seu fato de eficiência. A permeabilidade transparente aperspectivística é muito mais eficiente, visto que é possível ser iluminado e tornado transparente a partir de todos os lugares, por cada um (HAN, 2017, p.82)

As vitórias do ativismo digital contra práticas racistas ou de esvaziamento da potência política dos enunciados apropriados pela publicidade não representam, como é fácil de ser comprovado, um avanço macropolítico. O brutal assassinato da vereadora carioca Marielle Franco em março de 2018 é um exemplo da intolerância contra as políticas progressistas no Brasil contemporâneo. Liderança negra, moradora da periferia, com uma bandeira de resistência à violência e ao racismo, ela foi sumariamente executada numa rua do Rio de Janeiro. Os recuos estratégicos da grande mídia nos dois exemplos descritos acima parecem sinalizar mais os interesses comerciais do que propriamente a dimensão política, como observa a Professora Ivana Bentes a respeito da execução de Marielle.

O capitalismo trabalha com a potência, se apropria da potência. Sempre tivemos uma bipolaridade no tratamento que a Globo dá as questões de comportamento e do imaginário e as questões do embate econômico-político. São liberais no comportamento (homoafetividade, comportamentos disruptivos da juventude, afropunk, cultura trans, a potência ligada aos desejos) e traduzem isso como a “periferia legal”, o “novo”, o hype, etc. A esquizofrenia e a perversão é que os mesmos sujeitos do discurso e da potência transformados em personagens de um multiculturalismo não problemático, são os “elementos suspeitos” e matáveis para o Estado, a polícia e o exército, e recebem respaldo da mídia. A negra linda e descolada, as marielles politizadas, as minas pretas com seus cabelos coloridos, a jovem hype da periferia, eles são os mesmos que são matáveis! Essa dissociação é perversa! Dissociação cognitiva, política, uma operação de mídia e de linguagem. (BENTES, 2018)

A essas estratégias da mídia *mainstream* se contrapõem espaços de subjetivação nos ambientes da periferia brasileira que se dão pela experiência de uma nova relação com a linguagem, sobretudo através da difusão de coletivos de criação poética. É a potência desse ambiente, inclusive, que tornou possível a emergência da liderança política da vereadora assassinada. Mc Martina, por exemplo, é integrante de um coletivo de poesia da favela do alemão no Rio de Janeiro. Os jovens poetas se reúnem em saraus na periferia da cidade. Herdeiros da tradição de protesto do rap suas criações abordam o cotidiano de violência na cidade. O discurso dessa nova geração de poetas é também legitimado pela ideia do lugar de fala.

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Nem sempre é fácil ser tão forte. Alemão, zona norte, favela de lá sou cria (..) Eu sou Martina, me amarro em mandar umas rimas, mas ainda sonho em ser a primeira universitária da minha família. Ando na contramão, junto com vários favelados, resistindo. E resistindo através da arte (MARTINA,2017).

MC Martina se alinha à formação discursiva de correções de injustiças históricas. “São os pretos que mais morrem, correm, sangram e levam chibatadas. Pretos que estão lotando cada vez mais as senzalas do país que tem a maior população carcerária”. A jovem poeta se posiciona de maneira favorável às políticas de inclusão social: “Quantos (pretos) você viu passar no vestibular? (. . .) Quantos pretos já te deram aula.”

Por outro lado, é possível se deparar com outros discursos fundados, também a partir do lugar de fala, tendo o tema do racismo como pano de fundo, mas na perspectiva de uma formação discursiva oposta. É o caso de um debate entre Fernando Holiday, o mais jovem vereador de São Paulo, e um jovem ativista de esquerda, realizado nos estúdios da rádio Jovem Pan em São Paulo. Negro e homossexual, Holiday se posiciona radicalmente contra as políticas da esquerda de cotas e outros tipos de benefícios denominados por ele como paternalistas. A sua argumentação se fundamenta também na origem.

Eu venho da periferia e sei do que você está falando (. . .) E aí quando vem alguém dizer que essas pessoas tem de ser tratadas com dignidade, com humanidade e que elas tem sim condições de subir na vida, de alcançar o seu sucesso de forma independente, vocês dizem que não, que é preciso o estado ir lá e amamentá-las (HOLIDAY,2017).

As visões ideológicas opostas de jovens periféricos a partir da matriz de sentido do lugar de fala acentuam que a expressão não é sinônimo de posição sujeito na tradição da análise do discurso. Antes, ela ilustra a forma como as diferentes formações discursivas perpassam experiências de vida oriundas de um mesmo estrato social, a saber o jovem negro das periferias brasileiras. Enquanto a MC Martina sustenta seu discurso numa perspectiva histórica da exclusão do negro na sociedade brasileira e utiliza a linguagem coloquial contemporânea ao se referir a sua etnia como preta e não negra ou afro-descente, Fernando Holiday silencia sobre os aspectos históricos da desigualdade, não historiciza sua situação social e identifica no outro – o Partido dos trabalhadores- a origem de um paternalismo contra o qual busca resistir.

Se pensarmos as condições de produção dos dois discursos – da jovem poeta e do vereador de direita- encontramos uma associação direta com as duas manifestações

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

populares, a de 2013 e 2015. O vídeo disponível no youtube de MCMartina é editado pelo Mídia Ninja, conhecido coletivo de resistência à mídia tradicional que ganhou protagonismo nas manifestações de junho de 2013, se filiando a uma forma de jornalismo ativista. O vídeo com trechos do debate entre Fernando Holiday e o jovem de esquerda, por sua vez, é editado pelo Movimento Brasil Livre e procura conduzir o sentido da narrativa para uma vitória do vereador nas discussões ocorridas na rádio. Percebe-se nessas duas referências aos diferentes discursos - O MBL e o Mídia Ninja - a relação com o processo que transformou as manifestações de 2013 no que acontece hoje no país, bem como a presença de um novo ecossistema midiático com polos tanto a esquerda quanto à direita do espectro político.

Mais do que as diferentes apropriações de sentido em torno da expressão lugar de fala é preciso buscar compreender nessas manifestações a forma como Pêcheux (1988) pensou a ideia de apropriação. O discurso de Fernando Holiday se fundamenta numa contra identificação (PÊCHEUX, 1988), sobretudo, na apropriação do discurso da esquerda para desqualifica-lo a partir da “legitimidade” de seu lugar de fala. Ao se posicionar contra a política das cotas raciais e a tutela do estado se identifica, via MBL - DEM, com o pressuposto neoliberal da liberdade do sujeito. Já em Martina vimos uma identificação plena (PÊCHEUX, 1988) com a formação discursiva que reconhece o racismo como traço histórico da cultura brasileira e da vulnerabilidade social. A presença da contra identificação, nesse caso, é quase nula. “É pobre matando pobre, preto matando preto. A falta da empatia está tão grande que o povo entrou em desespero” (MARTINA,2017), diz a MC nos seus versos.

Os movimentos micropolíticos das minorias que hoje definem as bandeiras macropolíticas promovem uma emancipação num nível estético- como se apreende da crítica de Ivana Bentes à programação da TV Globo- mas que não encontra correspondência política, tornando-se, assim, uma espécie de armadilha em que estamos enredados, tal como observa o sociólogo Antônio Engelke em artigo para a revista Piauí.

Se subalternos não progressistas são autômatos da norma conservadora em que foram socializados, sendo portanto incapazes de pensar com autonomia, é porque precisam ser trazidos à verdade por um outro esclarecido- como as feministas radicais (radfems) argumentando que sexo pago é estupro, lançando-se em campanhas para criminalizar a prática, a fim de salvarem prostitutas de si próprias. Então ficamos assim: quem não tem o lugar de fala subalterno não tem o que dizer; e quem tem mas o contradiz, não aprendeu a pensar (. . .) o dogmatismo dos que pretendem lacrar o debate político, arrisca

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

a retrair, no interior do próprio campo progressista, o espaço necessário ao pensamento (ENGELKE 2017, p. 41-42)

O debate sobre o lugar de fala é, assim, revelador das interdições ao pensamento político na sociedade contemporânea, com particularidades na realidade brasileira contemporânea. O duplo interdito observado por Engelke - daqueles que não tem o lugar de fala e daqueles que o tendo contradizem o pensamento progressista, como se dá com o discurso do vereador Fernando Holiday, criam uma espécie de dogmatismo estanque. E diante da dupla potência das redes digitais - de serem capaz de quebrar os bloqueios institucionais da grande mídia instaurando uma nova relação de poder ou saber ou se tornarem espaços de um narcisismo frívolo e vazio a serviço do grande capital e da política totalitária que se anuncia - tateamos a saída para uma nova política. Entre a personalização das narrativas em rede e o esvaziamento do político como exercício dialógico encontramos o que Byng Chul Han (2017) define como tirania da intimidade.

Os políticos não são avaliados por suas ações. Seu interesse está voltado para a pessoa, o que provoca neles coerção por encenação. A perda do caráter público deixa atrás de si um vazio onde se derramam a intimidade e as estâncias privadas. No lugar do caráter público entra a publicização da pessoa; o público se transforma em local de exposição, afastando-se cada vez mais do espaço do agir comum. (HAN, 2017, p.82).

O sujeito digital, escondido atrás dos dispositivos tecnológicos, faz com que seja possível uma desconexão entre o que se diz e a forma como se vive, rompendo com o antigo pacto social e dando lugar ao descrédito e manipulação explícita. A discussão em torno da ideia de lugar de fala retoma algo da parresía socrática tal como estudada por Foucault (2011) em suas últimas aulas. O método socrático, consistia, sobretudo, na relação do logos com as formas de viver. Buscando um exame crítico de si, Sócrates procurava ir além da veridicção técnica em que a qualidade dos mestres e da obra seria definidora da ideia de competência. Sócrates buscava a relação entre a parresía e a ética. “É preciso submeter a vida a uma pedra de toque para separar exatamente o que é bom do que não é bom no que se faz, no que se vê, no que se é, na maneira de viver.” (FOUCAULT, 2011, p.127). Quando a vida de quem fala está em conformidade com o discurso, tem-se a veridicção ética socrática.

Se na sua formulação enquanto pensamento crítico, a ideia de “lugar de fala” parece buscar restituir a dimensão da veridicção ética, a sua transformação nas redes

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

interconectadas acaba por acentuar o traço mais superficial: o aspecto pessoal de uma origem, roubando-lhe a dimensão política. Na dimensão proposta por Foucault na sua interpretação da veridicção ética socrática teríamos algo como eu falo daquilo que vivo, daquilo que sei e submeto as competências e conhecimentos ao constante exame de si. “A maneira como se vive, a maneira como se viveu, é disso que é preciso dar conta” (FOUCAULT, 2011, p.139). Mas a forma de funcionamento da estratégia do sujeito digital acaba por reduzir o lugar de fala à uma origem, sem necessariamente a busca dessa ética de si, ao exame constante de sua vida. Essa diferença está no espaço simbólico que separa o discurso da MC Martina de Fernando Holiday. Enquanto a primeira busca constituir o seu lugar de fala a partir do exame ético de si e de suas condições sociais de existência, o segundo se legitima pela origem para desqualificar o discurso do outro, servindo como um instrumento da formação discursiva conservadora que toma as redes.

O dogmatismo de setores progressistas, por seu lado, interdita o debate diante de uma encruzilhada situada entre a legitimação da origem como lugar de fala ou da dimensão ética entre o logos e as formas de viver. Se aprendemos que não se pode falar no lugar de outro, falta compreender de maneira dialógica a alteridade de quem não segue a cartilha programada.

Reflexão final

O funcionamento das redes digitais implica no desafio de encontrar novas formas de fazer trabalhar o dispositivo teórico-metodológico da análise do discurso, sobretudo porque se trata de uma transformação que impacta toda a organização social. Propomos pensar a sociedade em rede como um dispositivo foucaultiano com seus regimes de visibilidade e enunciação. Se no modelo da mídia de massa havia uma relativa estabilidade entre o núcleo da produção e o da recepção, na sociedade mediatizada esses papéis se inter-relacionam fazendo com que a apreensão do objeto de análise passe por uma espécie de monitoramento da transformação do sentido dos enunciados.

Pensar as condições de produção dos discursos no contemporâneo é considerar de um lado as relações entre atores humanos e não humanos e de outro a horizontalidade participativa que é capaz de provocar agenciamentos imprevisíveis.

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Assim, é necessário reconhecer que a experiência contemporânea convida-nos a abandonarmos os lugares estabilizados da reflexão, desafiando-nos na busca de caminhos que fujam do saber esterilizado. Nesse sentido a análise dos enunciados deverá considerar sua circulação ubíqua e constante transformação através do gesto de interpretação dos sujeitos interconectados elidindo as antigas fronteiras entre produção e recepção do discurso, sem que nos esqueçamos da especificidade do digital como uma narrativa de si, diferente das antigas interações presenciais, mas que se faz presente hoje em todas as relações pessoais. Para além dos indivíduos reais lidamos com perfis narrativos que se situam no âmbito do pessoal em detrimento do político como exercício do debate e escapam a verificação ética. A tirania da intimidade (HAN, 2017) é, assim, uma estratégia de esvaziamento do aspecto de resistência.

As pequenas vitórias do pensamento progressista num nível micro político, tem se contraposto grandes derrotas macropolíticas graças a uma estratégia de personalização da esfera pública e de esvaziamento do espaço dialógico que tem capturado também os setores da esquerda. Entre a nostalgia de uma parresía que já não há e as mais diversas intolerâncias, as conexões dos fluxos em rede tem servido para manter a hegemonia política neoliberal, mas isso não se faz sem resistências.

Referências

BENTES, Ivana. *Marielle: As operações da mídia*. Disponível em <http://midianinja.org/ivanabentes/marielle-as-operacoes-de-midia/>, acessado em 30/04/2018

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni. *A voz que canta na Voz que fala: Poética e Política na Trajetória de Gilberto Gil*. Cotia- SP: Ateliê; Aracaju, SE: Editora Universitária.

COURTINE, Jean Jacques. *A era da ansiedade: discurso, história e emoções*. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (Orgs.). *(In) Subordinações contemporâneas- consensos e resistências nos discursos*. São Carlos: Edufscar, 2016, p.15-30.

DIAS, Cristiane P. Espaço, tecnologia e informação: uma leitura da cidade. In: RODRIGUES, Eduardo. A.; SANTOS, Gabriel. L. dos; BRANCO, Luiza. K. C. (Orgs.). *Análise de discurso no Brasil: pensando o impensado sempre: uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: RG, 2011a, p. 259-272.

- CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).
- ENGELKE, Antônio. *Paradoxos da Política identitária*. In Revista Piauí, número 132. Rio de Janeiro: Editora Alvinegra, setembro, 2017, p. 40-43.
- HOLIDAY, Fernando. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wGqpx1q4wnY>. Acessado em 05 de maio de 2018.
- LATOURETTE, Bruno. Redes que a razão desconhece: Laboratórios, Bibliotecas, Coleções in *Tramas na Rede* - Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Org. André Parente. Editora Sulina: Porto Alegre, 2013.
- MARTINA, MC. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Ax_Krwrvm0, acessado em 05 de maio de 2018
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2008.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico*. In: Dias, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital (on line). Série e urbano. Vol 2, 2013.
- ORTELADO, Pablo. *Sobre o lugar de fala*. Disponível em <https://esquerdaonline.com.br/2017/01/08/sobre-o-lugar-de-fala/>, acessado em 11 de maio de 2018.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 10 ed. São Paulo, Loyola, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- INDURSKY, Freda, Maria Cristina Leandro (org.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. Editora Claraluz: São Carlos, 2005.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Conexão*. Editora Aleph: São Paulo, 2014.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Coleção Feminismos Plurais. Editora Letramento: São Paulo, 2017.
- PECHEUX, Michel. “Sobre a (Des) construção das Teorias Linguísticas”. *Língua e Instrumentos Linguísticos*. Campinas: Pontes, 1981, p.7-32.
- PECHEUX, Michel. *Remontémons de Foucault a Spinoza*. In: Toledo, M.M(org.) *El discurso político*. México: Nueva imagen, 1980.

CARVALHO, Pedro Henrique Varoni de. Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.74-91, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

PECHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

SANTAELLA, Lucia. *Temas e Dilemas do pós-digital: A voz da Política*. Editora Paulus: São Paulo, 2016.

Recebido em agosto de 2018.

Aceito em outubro de 2018.